

Vida Económica

22-06-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 26000

Temática: Economia

Dimensão: 1003 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/7

Rui Leão Martinho, bastonário da Ordem dos Economistas, considera

Legislação laboral não é atrativa para o investimento

- Seminário ibérico junta no Porto peritos de Economia

RUI LEÃO MARTINHO, BASTONÁRIO DA ORDEM DOS ECONOMISTAS, CONSIDERA

Legislação laboral não é atrativa para o investimento

“A legislação laboral continua pouco flexível, assente numa perspetiva desatualizada da contratação coletiva. E, sobretudo, muda e altera demasiadas vezes o que está estatuído, criando uma instabilidade que não é boa para as empresas já a trabalhar no nosso mercado e também não é atrativa para captar novo investimento produtivo, seja ele nacional ou internacional”, afirma à “Vida Económica” Rui Leão Martinho, bastonário da Ordem dos Economistas. Sobre a banca portuguesa, diz que “continua pouco robusta”.

VIRGÍLIO FERREIRA
virgilio@vidaeconomica.pt

Vida Económica – Espanha viveu a mesma crise económica de Portugal, mas está a crescer mais depressa. Isso deve-se ao sucesso das reformas estruturais ou também a outros fatores?

Rui Leão Martinho - Espanha viveu uma crise com características diferentes da que assolou Portugal. A situação espanhola teve dois pontos negativos; a situação da banca e a bolha imobiliária. Para o primeiro destes pontos a situação foi resolvida com a ajuda europeia e a reestruturação geral do sector bancário. Já o segundo ponto tem vindo a resolver-se ao longo dos anos, tendo provocado situações muito críticas a várias empresas de construção civil e obras públicas e a muitos empreendedores. Quanto à situação portuguesa, foi provocada por um crescimento das dívidas pública e privada, por um persistente défice das contas públicas e pela falta de robustez da banca portuguesa.

VE – Espanha teve duas reformas laborais bem sucedidas. Portugal deveria seguir o exemplo, introduzindo maior flexibilidade no mercado laboral?

RLM - Sim. Apesar dos esforços feitos durante os governos anteriores, a legislação laboral continua pouco flexível, assente numa perspetiva desatualizada da contratação coletiva. E, sobretudo, muda e altera demasiadas vezes o que está estatuído, criando uma instabilidade que não é boa para as empresas já a trabalhar no nosso mercado e também não é atrativa para captar novo investimento produtivo, seja ele nacional ou internacional.

VE – Também no setor bancário, Espanha está melhor do que Portugal. Isso é visível no aumento da concessão de crédito por parte dos bancos espanhóis. Acha que, quando sofrermos a intervenção do FMI, deveria ter havido uma pressão maior na correção do sistema bancário?

RLM - Sim, claro. Os factos vieram, infelizmente, demonstrar essa necessidade de correção do que não funcionava



“A banca portuguesa continua pouco robusta e é, na Europa, das que mais capital necessitam e menos resultados proporcionam aos seus acionistas”, afirma Rui Leão Martinho.

ou funcionava mal no sistema bancário português. Temos visto as situações virem, gradualmente, a corrigirem-se. Mas a banca portuguesa continua pouco robusta e é, na Europa, das que mais capital necessitam e menos resultados proporcionam aos seus acionistas.

VE – Há quem diga que, para crescermos acima dos 3% do PIB, devemos seguir o exemplo espanhol. Concorda com isso? Concretamente, o que deveríamos fazer?

RLM - Precisamos de criar riqueza, em Portugal, de forma sustentada. Só com um crescimento igual à média da União Europeia e, depois, acima dessa média, será possível a prazo manter sem sobressaltos o modelo social em que escolhemos viver: em democracia, com um serviço universal de saúde, com um sistema de ensino capaz e universal e com a segurança, a justiça e a defesa necessárias a um país do primeiro mundo. O exemplo espanhol é aproveitável, como o são os exemplos de outros países onde há muito é reconhecido que

“Precisamos de criar riqueza, em Portugal, de forma sustentada”

só com o crescimento económico poderemos desenvolver-nos e proporcionar aos cidadãos um nível de vida com bem-estar e felicidade.

Relações transfronteiriças em debate

VE – A Ordem dos Economistas realiza hoje a sexta edição do “Seminário Ibérico de Economistas”. Que expectativas estão reservadas para este evento?

RLM - Trata-se de mais uma oportunidade para sabermos melhor o que se passa nos dois países ibéricos e de estabelecer contactos entre profissionais da mesma

área. Este ano, para além de nos focarmos nas relações transfronteiriças e no papel dos dois países na União Europeia, também discutiremos a situação do ensino superior pós-Bolonha. Serão oradores alguns dos melhores especialistas de ambos os países nas várias temáticas que irão ser abordadas e tentar-se-ão deixar pistas para o desenvolvimento futuro das diferentes matérias.

VE – Que mensagem gostaria de transmitir?

RLM - A primeira mensagem é a satisfação de, ininterruptamente, realizarmos mais um seminário ibérico, desta vez na cidade do Porto e numa prestigiada universidade, com convidados de ambos os países que são profissionais destacados nas áreas que iremos abordar. E esperar que esta iniciativa resultem propostas concretas a apresentar aos responsáveis dos dois países no sentido de melhorar situações atuais e propiciar um futuro de maior desenvolvimento no espaço ibérico, parte importante da União Europeia.

Seminário ibérico debate relações económicas e comerciais entre Portugal e Espanha

Peritos em Economia de Portugal e Espanha juntam-se hoje na cidade do Porto para a VI edição do “Seminário Ibérico de Economistas”.

No seminário – iniciativa conjunta da Ordem dos Economistas de Portugal e do Colégio de Economistas de Espanha, que terá lugar na Católica Porto Business School – serão debatidas as relações transfronteiriças e de ambos os países ibéricos com a União Europeia, integrando temas como os instrumentos de apoio à internacionalização, o Espaço Europeu de Educação Superior e o Marco Financeiro Plurianual 2021-2027 da UE.

Do lado português, para além de Rui Leão Martinho, bastonário da Ordem dos Economistas, e de Ana Córte Real, diretora da Católica Porto Business School, serão oradores os economistas Daniel Bessa, Ricardo Arroja, José Varejão, Paulo Vaz e António Cunha.

Por seu lado, a representação espanhola contará com a presença de Valentín Pich Rosell, presidente do Conselho Geral de Economistas de Espanha, Juan Ramón Cuadrado Roura, catedrático emérito de Política Económica da Universidade de Alcalá de Henares em Madrid, Carlos

de Sande Inyesto, diretor de Relações Institucionais da Câmara de Comércio Hispano Portuguesa, Carlos A. Gasóliba, membro do Comité Central da Liga Europeia de Cooperação Económica (Bruxelas), e José-Maria Casado Raigón, catedrático Jean Monnet de Economia da União Europeia e da Universidade de Córdoba e diretor de Relaciones Internacionales do Conselho Geral de Economistas de Espanha.

O seminário terminará com um almoço incluindo oradores e convidados, com início agendado para as 14 horas.